

# Revista Internacional de Formação de Professores (RIPF)

ISSN: 2447-8288  
v. 2, n.2, 2017

## FORMAÇÃO DOCENTE NO DISTRITO FEDERAL DOS ANOS 1940: A CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL CARMELA DUTRA

### TEACHER QUALIFICATION IN THE 1940'S FEDERAL DISTRICT: THE ESTABLISHMENT OF CARMELA DUTRA TEACHER QUALIFICATION SCHOOL

Submetido em 17/06/2016

Avaliado em 21/06/2016

Aceito em em 20/10/2016

Sonia de Castro Lopes

Doutora em Educação Pela PUC- Rio. Professora Associada  
Programa de Pós Graduação - Faculdade de Educação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Fabio Souza Lima

Professor de Filosofia da Educação do Instituto de Educação  
Carmela Dutra (SEEDUC-RJ). Mestre em Educação –  
PPGE/UFRJ. Doutorando em Educação – PPGE/UFRJ

## **FORMAÇÃO DOCENTE NO DISTRITO FEDERAL DOS ANOS 1940: A CRIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL CARMELA DUTRA**

### **Resumo**

Este artigo, inserido no campo da História da Educação e das instituições educacionais, pretende narrar parte da história da formação de professores normalistas na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1940. Criada sob a administração e tutela pedagógica do prestigiado Instituto de Educação, a Escola Normal Carmela Dutra apresenta a especificidade de ter sido a única escola oficial do gênero concebida no Distrito Federal até o final da década de 1950. Pensamos ser este um dos momentos mais interessantes da história da escola, na medida em que nos possibilitou investigar o contexto no qual a instituição foi criada, as dificuldades enfrentadas em seus primeiros anos e os interesses envolvidos na proposta de fazer dela uma escola de referência regional, denominada pela imprensa de “Escola Normal dos Subúrbios”. Busca-se aqui reconhecer a influência da primeira dama do país, Dona Carmela Dutra, no tocante à expansão do curso de formação de professores primários no referido período. A metodologia de pesquisa baseou-se na análise de notícias veiculadas pela imprensa jornalística da cidade do Rio de Janeiro, segundo as orientações sugeridas por De Luca (2008).

### **Palavras-chave**

História da Educação. Instituições educacionais. Escola Normal Carmela Dutra.

## **TEACHER QUALIFICATION IN THE 1940'S FEDERAL DISTRICT: THE ESTABLISHMENT OF CARMELA DUTRA TEACHER QUALIFICATION SCHOOL**

### **Abstract**

This article tackles issues in the field of History of Education, specifically, educational institutions. It aims to recap on a specific period in the history of teacher qualification in the city of Rio de Janeiro in the 1940's. Established under the management and pedagogical supervision of the prestigious Institute of Education, Carmela Dutra Teacher Qualification School had a special feature - that of having been the only teacher qualification public school in the Federal District, up to the late 1950's. We think that this is one of the most interesting moments of the school's history, in such a way that it enabled us to investigate the context in which the institution was established, the difficulties faced in its early years and the proposal to make it a regional reference school, called the press “Teacher qualification school of the suburbs”. It also aims to discuss the influence of the first lady of the country, Mrs. Carmela Dutra, in expanding the primary teacher qualification programmes in said period of time. The research methodology was based on analysis of news carried by the journalistic press of the city of Rio de Janeiro, according orientations suggested by De Luca (2008).

### **Keywords**

History of Education; Educational Institutions. Carmela Dutra Teacher Qualification School.

## Introdução

O presente trabalho resulta de pesquisa sobre a história da formação docente na cidade do Rio de Janeiro realizada no âmbito do PPGE/ UFRJ e focaliza a trajetória da Escola Normal Carmela Dutra (ENCD) nos seus primeiros anos de funcionamento (1946-1953). Nos limites desse texto buscaremos focalizar a influência da primeira dama Carmela Dutra (Dona Santinha) em relação à decisão de se criar uma escola normal na zona suburbana da cidade do Rio de Janeiro para atender à demanda por cursos de formação docente, devido à expansão da rede pública de ensino no Distrito Federal.

As fontes documentais que embasaram o presente artigo contemplam, prioritariamente, notícias e imagens veiculadas pela grande imprensa, notadamente através dos jornais *Gazeta de Notícias* e *A Manhã*, ambos localizados no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Do ponto de vista metodológico, analisar esse tipo de fonte implica observar o que os periódicos selecionam, ordenam e elegem como notícias a serem divulgadas, implica ainda identificar o grupo responsável pela linha editorial, os colaboradores mais frequentes, bem como observar a escolha dos títulos das manchetes, das fotos e suas legendas e, principalmente, atentar para o público que o jornal pretende atingir (De Luca, 2008). A correspondência entre políticos, constante do Arquivo Capanema (CPDOC/FGV) também foi de grande valia para a construção da narrativa dos fatos aqui apresentados.

O conteúdo desses arquivos foi muito importante para o início da pesquisa sobre essa personagem, que, como veremos, também era conhecida como Dona Santinha Dutra. Este estudo incorpora uma breve biografia contextualizada (Levi, 2002), diante da importância que essa figura assumiu no cenário da época e tendo em vista a relevância que o gênero biográfico vem assumindo no debate historiográfico desde a década de 1970 (Loriga, 1998; Schmidt, 1997), apesar das limitações e desafios apontados por Pierre Bourdieu (2006).

Na conjuntura do Estado Novo e durante a campanha política do Marechal Dutra à Presidência da República, Dona Santinha Dutra destacou-se por sua influência no campo educacional, particularmente na esfera das políticas de formação docente, esforço que culminou com a criação da Escola Normal Carmela Dutra, em 1946.

## Um nome de peso para a nova Escola Normal

Talvez seja do seu interesse,  
Há informação de uma fonte confidencial e que se acredita ser de confiança,  
de que a Sra. Santinha de Correa Dutra, esposa do Ministro da Guerra, o  
General Eurico Dutra, exibe simpatia pró-nazi e é relatado que está tentando  
converter seus associados, que vem dos estratos mais altos da sociedade

brasileira, ao nazismo (Hoover, J. Edgard, National Archives, Arquivo 862, 20210 Dutra, Santinha de Correa, 1992).<sup>1</sup>

O trecho acima ressalta a influência de uma mulher conhecida como “Santinha” no âmbito do Governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937 – 1945), pouco antes de tornar-se a primeira dama do Brasil<sup>2</sup>. À época, ninguém menos do que John Edgar Hoover, investigou com extraordinário empenho toda e qualquer manifestação antiliberal no hemisfério ocidental através de um aparelho específico criado nos anos 1940, o *Special Intelligence Service*<sup>3</sup>. É neste escopo em que entra nossa investigação sobre a Dona Santinha Dutra.

Em nossa proposta de um breve estudo sobre a trajetória dessa mulher, avaliamos que o modelo de *biografia e contexto*, ao qual se refere Giovanni Levi (2002), adéqua-se às nossas perspectivas. Isso porque a vida de Dona Carmela Dutra diz respeito não apenas a ela própria, mas a um período histórico em que a sua atuação deixou marcas no país. Também dentro desta visão, Pierre Bourdieu, em *Ilusão Biográfica* (2006), atestou que o estudo do que chamou de *agente* deve ser acompanhado do aprofundamento do contexto em que o mesmo atuou, por meio da articulação de suas relações com outros indivíduos no tempo e no espaço.

Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de *superfície social*, como descrição rigorosa da *personalidade* designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos (Bourdieu, 2006, p. 190).

Além disso, o autor também nos previne sobre a pretensa linearidade e coerência imprimidas às trajetórias analisadas por esse tipo de estudo, na medida em que “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo imprevisto, fora de propósito, aleatório” (idem, p. 185).

<sup>1</sup> Averiguamos durante um mês o “O Cofre” do FBI <<http://vault.fbi.gov/>>, onde em centenas de páginas sobre o então Chefe do Bureau, John Edgar Hoover, não encontramos qualquer referência. Insistimos então na investigação, indo até a página do Arquivo Nacional Americano <<http://www.archives.gov/>>, onde depois de mais um mês vasculhando seu acervo, nada encontramos. Entramos então em contato com o serviço virtual do Arquivo, quando obtivemos a primeira resposta. Atenciosamente atendidos pelo pessoal de apoio do Arquivo, depois de muitas mensagens, conseguimos a confirmação de que o documento está realmente arquivado por lá e também conseguimos uma cópia escaneada e colorida. Nosso contato com o *National Archives* foi em todos os momentos realizado com Amy Reytar, responsável pelo setor de Arquivos II, Seção de Referência (RDTR2), em College Park, MD. A referência por ela enviada, juntamente com o *scanner* do documento foi: Arquivo 862, 20210 Dutra, Santinha de Correa (Sra.) / 1 na série: Arquivo Decimal Central, 1940-1944; Box 5538; Registros Gerais do Departamento de Estado, Grupo da ficha 59.

<sup>2</sup> Dona Carmela Dutra foi esposa do general Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra durante o Estado Novo de Vargas (1937- 1945) e depois Presidente da República (1946-1950).

<sup>3</sup> Disponível em: [vault.fbi.gov](http://vault.fbi.gov/). Acesso 13 maio 2014.

Devemos, então, começar a entender os eventos que se entrelaçam com a história dessa personalidade da política e da educação, especialmente no segundo quartel do século XX. Aliás, a escolha do modelo que relaciona biografia e contexto, que investe em comparações e relevância de personagens que se relacionam à protagonista, decorre justamente das lacunas documentais que se apresentam (Levi, 2002). É, portanto,

(...) indispensável, ampliar tanto quanto possível em torno dele o número de pessoas e de movimentos com os quais ele entrou então em contato, reconstituir em torno dele o seu meio, multiplicar os exemplos de outras vidas que tenham algum paralelo com a sua, reviver em torno dele outras pessoas jovens (Levi, 2002, p. 176).

Assim, torna-se mister retomar, mesmo que brevemente, o evento histórico “movimento revolucionário de 1930”, quando Getúlio Vargas assumiu o poder e realizou mudanças na política e na economia brasileira. Chefe do governo revolucionário, Vargas procurou enfraquecer o poder das oligarquias rurais, implantando mudanças ao nível político, econômico e social que foram capazes de promover uma inflexão na história do país (Fausto, 1972). Tais mudanças parecem ter sido sempre acompanhadas de perto pelos Estados Unidos, conforme podemos depreender da investigação realizada pelo FBI. As investigações a um Presidente ou a um Ministro da Guerra poderiam até se justificar pelos interesses e ingerência política dos Estados Unidos no contexto da época. Mas como justificar uma investigação desse porte à esposa de um Ministro? Quem era *Dona Santinha Dutra*?

Abaixo, reproduzimos na íntegra o *scanner* do documento classificado como confidencial pelo FBI:

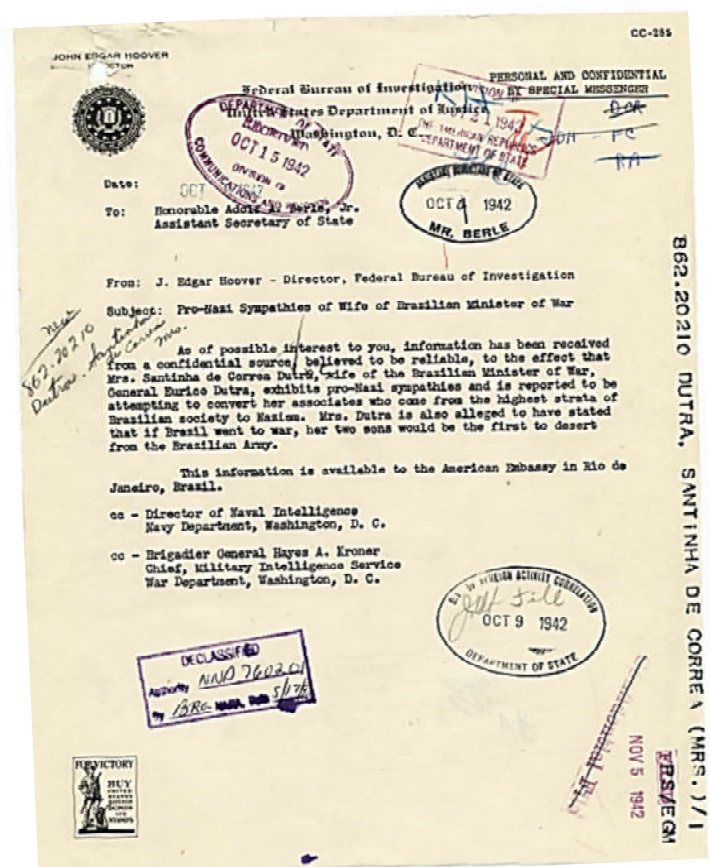


Imagem 1 – Scanner do documento oficial do FBI contendo informações sobre a Sra. Santinha Corrêa Dutra.  
Fonte: National Archives.

Reprodução feita pela funcionária Amy Reyter e gentilmente cedida à pesquisa.

A entusiasmada católica Carmela Teles Leite nasceu no Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, em 17 de setembro de 1884, sendo filha de Manoel Antonio Leite e Emília Teles Leite. Teve dois filhos do primeiro casamento, realizado em 1904 com José Pinheiro de Ulhôa Cintra, de quem ficou viúva em fevereiro de 1914 (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2014). No Distrito Federal, Carmela Leite tornou-se professora na segunda década do século XX, sendo também docente da Escola Estadual Ferreira Viana e, posteriormente, segundo o *Jornal O Paiz*<sup>4</sup>, vice-diretora do Instituto Profissional Orsina da Fonseca<sup>5</sup>.

Seguindo uma trajetória bastante comum às mulheres católicas da época, como assinala Louro (1997), Carmela Leite contraiu novas núpcias com o segundo tenente do exército Eurico Gaspar Dutra, com quem teve mais dois filhos e de quem lhe sobreveio o nome Dutra, bem como sua inserção nos meios políticos e militares.

<sup>4</sup> O *Jornal O Paiz*, um dos principais periódicos do país desde o século XIX, foi fechado pelo movimento revolucionário de 1930. Entrou em circulação novamente no período varguista, sendo fechado definitivamente em 1934.

<sup>5</sup> *O Paiz*, 1 de dezembro de 1923, p. 4. Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 20 maio 2014.

Dona Carmela Dutra continuou a exercer suas funções docentes nos tumultuados anos de 1920, período em que os educadores católicos pregavam a *recristianização do país*, frente ao avanço dos entusiastas do *Movimento da Escola Nova* que defendiam a educação laica em um Estado laico (Schwartzman *et al*, 1984). A mobilização que teve como um de seus expoentes o Arcebispo D. Sebastião Leme, resultou na criação de vários jornais e revistas de divulgação do pensamento católico, bem como na criação Centro Dom Vital e Confederação Católica, ambos em 1922, visando aglutinar intelectuais e políticos, além de orientar leigos para difusão e atuação dentro da doutrina (Mainwaring, 1989).

Embora não tivesse participado diretamente do movimento revolucionário de 1930, Dutra foi um dos correligionários da conspiração que instaurou a ditadura do Estado Novo, deixando o governo apenas em 1945 para então se candidatar à presidência da República (Fausto, 2006).

Um ano depois, Carmela Dutra pareceu começar a angariar a simpatia dos militares ao ser convidada para inaugurar e entregar as chaves das casas da recém-criada Vila dos Sargentos, dentro da Vila Militar, no Bairro de Deodoro da Fonseca.<sup>6</sup> Daí em diante, as festividades e os compromissos cívico-diplomáticos se tornam cada vez mais constantes. “Paraninfa”, “homenageada”, “madrinha”, são os termos mais usados pela grande imprensa quando se referem ao nome Carmela Dutra em eventos na Escola Nacional de Música, no Instituto de Educação (IE), Instituto de Professores Públicos e Particulares, em jantares com diplomatas e embaixadores, em inaugurações de igrejas e capelas, e, principalmente, na distribuição de brinquedos e alimentos aos pobres.

Esse “caldo de cultura eleitoral” que passava pelo militar, pela educação e pelo meio católico, de onde emergia a influência de Carmela Dutra, serviu como uma das principais bases de apoio à futura candidatura de Eurico Gaspar Dutra à Presidência<sup>7</sup>. Ora, entender esse envolvimento é essencial, pois como aponta Bourdieu, ao delinear a biografia de alguém, torna-se necessário identificar as relações do personagem no interior do espaço social que o mesmo ocupa. Nesse sentido, o autor assinala:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes

<sup>6</sup> EM FESTAS A VILLA MILITAR, A Batalha, 23.11.1938, p. 2. Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 29 maio 2014

<sup>7</sup> A LEC apostou publicamente na Eleição de Dutra para Presidência. Jornal *A Noite*, 2 de abril de 1945, p. 1 e 9. Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 14 mar.2014.



espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (Bourdieu, 2006, pp. 189-190).

Não devemos perder de vista, contudo, que, dentre muitos outros, o Jornal *A Manhã*, responsável pela publicação da série de referências à bondade e moralidade de D. Carmela, foi um dos periódicos fundados pelo Governo durante o Estado Novo, em 1941, e que atuou no sentido de justificar ideologicamente o Golpe de 1937, louvando, sistematicamente, a atuação de Vargas e de seu Ministro de Guerra (De Luca, 2006).

Órgão oficial do Estado Novo, *A Manhã* esteve sob a direção de Cassiano Ricardo<sup>8</sup> de maio de 1941 até meados de 1945 e tinha por objetivo divulgar as diretrizes propostas pelo regime junto a um público diversificado. Segundo documento exibido na página do CPDOC/FGV sobre as diretrizes do Estado Novo varguista:

(...) [O jornal] dispunha de excelente documentação iconográfica e exibia uma paginação moderna para os padrões jornalísticos da época. Seu corpo de colaboradores contava com intelectuais de grande projeção como Múcio Leão, Afonso Arinos de Melo Franco, Cecília Meirelles, José Lins do Rego, Ribeiro Couto, Roquete Pinto, Leopoldo Aires, Alceu Amoroso Lima, Vinicius de Moraes (crítica cinematográfica), Gilberto Freyre e outros.<sup>9</sup>

Os colaboradores do periódico, apesar de se alinharem à pauta autoritária estadonovista, representavam matizes ideológicos diferenciados. Tomando por base o campo educacional, observamos tanto a presença de elementos conservadores ligados à Igreja, caso de Alceu Amoroso Lima, como a de Cecília Meirelles, poetisa, professora, jornalista e signatária do Manifesto da Educação Nova (1932), cuja opção pelo liberalismo de viés mais progressista foi marcante em sua trajetória como intelectual.

Seguindo as pistas fornecidas por De Luca (2008), reforçamos a hipótese de que o historiador precisa se inteirar das motivações que levam um jornal a dar publicidade a certas notícias em detrimento de outras, conferir ênfase a certos temas e conteúdos, utilizando discursos com diferentes significados que visam ao público diferenciado que este veículo pretende atingir.

<sup>8</sup>Cassiano Ricardo Leite (1894-1974) participou da Semana de Arte Moderna (1922) e dos grupos nacionalistas "Verde Amarelo" e "Anta", ao lado de Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Raul Bopp, Cândido Mota Filho e outros. No jornalismo dirigiu "A Manhã", do Rio de Janeiro. Em 1937 fundou, com Menotti del Picchia e Mota Filho, a "Bandeira", movimento político que se contrapunha ao Integralismo. Dirigiu, na mesma época, o jornal "O Anhanguera", que defendia a ideologia da Bandeira, condensada na fórmula: "Por uma democracia social brasileira, contra as ideologias dissolventes e exóticas." Também pertenceu ao Conselho Federal de Cultura, à Academia Paulista de Letras e à Academia Brasileira de Letras. Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/cassiano-ricardo.htm> Acesso 6 maio 2015.

<sup>9</sup> Excerto retirado da página *A Era Vargas dos anos 20 a 1945*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/AManha>. Acesso 6 maio 2015.



## A influência de *Dona Santinha*

Em carta reservada ao Presidente Getúlio Vargas, datada de 1942, o Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra procurava articular a política de segurança nacional à política educacional:

O Brasil reclama um sistema completo de segurança nacional, o que pressupõe, fundamentalmente, uma entrosagem dos órgãos militares com os órgãos federais, estaduais e, notadamente municipais, incumbidos da educação e da cultura. Nunca se tornou tão imperativa, como naquele momento, essa necessidade. E, não obstante, assinalam-se, no setor pedagógico do Brasil, muitos obstáculos a serem vencidos, para que o objetivo da política de segurança nacional possa ser completamente alcançado (Dutra, 1942. In: Bomeny, 1999, p. 142).

Mas o Ministro da Guerra não era o único a explorar outras instâncias de poder. A proximidade de Dona Carmela Dutra com o poder executivo do Estado Novo podia-se medir pelo quanto ela podia recorrer aos amigos tanto quanto o próprio marido quando era necessário interceder por alguém. Há no Arquivo Gustavo Capanema (FGV/ CPDOC), nove páginas de documentos de cartas trocas entre Carmela e o Ministro, todas com pedidos de intervenções favoráveis a jovens alunos, tanto do ensino secundário quanto do nível superior. Em todos os casos, resolvidos ou sob a atenção do Ministro, as respostas aos pedidos de Dona Carmela terminavam com invariáveis deferências de estima e amizade.

Aliás, ao contrário do que é propagado até hoje, quanto ao uso de “Santinha” em seu nome como um predicado jocoso, a Senhora Eurico Gaspar Dutra não apenas assumiu este epíteto, como também parece ter feito força para que assim fosse reconhecida nos meios em que circulava. Contudo, foi apenas no arquivo micro filmado da FGV/CPDOC que conseguimos comprovar a assinatura de seu nome desta forma. Trata-se da assinatura em bilhete enviado para o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, no qual agradecia por um favor concedido: (...) *da amiga certa Santinha Dutra*<sup>10</sup>.

O ano de 1942 em que a esposa do Ministro da Guerra assina como *Dona Santinha Dutra* é também o ano em que as investigações do FBI norte americano produzem as informações de que ela exibe simpatias “pró-nazi” e as preocupações com a influência ao círculo de seus “associados”. É ainda o ano que marca a entrada do Exército Brasileiro em campo de batalha ao lado dos Países Aliados (Inglaterra, França, URSS e EUA).

Na imagem abaixo (imagem 2), segundo a descrição do Arquivo, no CPDOC, podemos ver D. Carmela Dutra e Getúlio Vargas, em primeiro plano, em um momento de descontração. Frente ao Presidente encontra-se Alzira Vargas, tendo ao lado o homenageado naquele jantar

---

<sup>10</sup>Bilhete de Dona Carmela Dutra ao Ministro Gustavo Capanema. Arquivo Gustavo Capanema, GC b Dutra, C., FGV/ CPDOC.

de fevereiro de 1945, o subsecretário de Estado norte-americano, Edward R. Stettinius Jr., bem como os demais participantes do evento.

Já na imagem seguinte (imagem 3), vemos os demais personagens deste jantar, como por exemplo, o Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, quase excluído da foto no canto esquerdo.



Imagem 2: À esquerda, Carmela Dutra e Getúlio Vargas em jantar em Petrópolis. Arquivo Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Fonte: AVAP foto 009, FGV/ CPDOC.



Imagem 3: Da direita para esquerda na mesa, de frente: Ernani do Amaral Peixoto, Virgínia Gordon Wallace, Getúlio Vargas, Carmela Dutra e Pedro Leão Veloso. Na mesa, de costas: Branca Moreira Alves, Edward R. Stettinius Jr., Alzira Vargas do Amaral Peixoto (semi-encoberta) e Eurico Gaspar Dutra (cortado). Petrópolis, RJ, fev./1945. Fonte: AVAP foto 009, FGV/CPDOC.

O exercício do controle de informações feito pelo Departamento de Imprensa e Propaganda<sup>11</sup> acabava por obstar o surgimento de periódicos de oposição, fazendo crescer aqueles que repercutiam favoravelmente acontecimentos ligados ao Governo Vargas. Esta é a época em que Fioravanti Di Piero, diretor do Jornal *Gazeta de Notícias*, tornou-se um dos principais aliados de Carmela Dutra e também o seu médico pessoal, promovendo a sua imagem no cenário nacional, conforme vemos na reportagem abaixo, de junho de 1945:

Com o comparecimento do que há de mais representativo na sociedade carioca e no mundo político feminino, realizar-se-á hoje, às 17 horas, na Praça Serzedelo Correia, 30, em Copacabana, a inauguração do Centro Feminino de Propaganda Eleitoral da Candidatura do General Dutra, no Leme, em Copacabana e Ipanema, presidida por D. Santinha Dutra (...) Nosso companheiro Mirbel Dantas falará, como representante do diretor de *Gazeta de Notícias*, em nome dos núcleos eleitorais que obedecem à orientação do Dr. Fioravanti Di Piero (Jornal *Gazeta de Notícias*, 24.06.1945, p. 6.)<sup>12</sup>.

Convém aqui registrar a posição do supracitado jornal carioca, cujo apoio irrestrito à candidatura do Marechal Dutra à Presidência da República era notório<sup>13</sup>. Durante o governo

<sup>11</sup> O Departamento de Imprensa e propaganda (DIP) foi criado em 1939 e agia como um órgão censor que servia à ideologia estadonovista. Ver a respeito Lopes (1999).

<sup>12</sup> Disponível em: [www.hemerotecadigital.com.br](http://www.hemerotecadigital.com.br). Acesso 10 maio 2014.

<sup>13</sup> Fundado em 1875, a *Gazeta* introduziu uma série de inovações na imprensa brasileira, como o emprego do clichê, das caricaturas e da técnica de entrevistas, chegando a ser um dos principais jornais da Capital Federal

Dutra, a repressão aos comunistas e a cassação do registro do PCB, bem como a política econômica de caráter liberal que caracterizou a fase inicial desse governo, encontraram apoio irrestrito por parte daquele jornal.

Dona Carmela Dutra agiu como principal cabo eleitoral do marido, destacando-se ainda mais nos meios sociais, chegando ao ponto de confiarem a ela o “destino religioso da família brasileira”, conforme descreveu a homenagem recebida antes da posse de Eurico Gaspar Dutra na Presidência da República.

Exma. Sra.

As mães, esposas, filhas, irmãs e noivas de todos os fiscais aduaneiros que servem o Brasil, não podiam olvidar V. Exa. nesta hora difícil de nossa Pátria.

Difícil porque um vendaval de egoísmo, de materialismo, de desordem moral e social, sacode o edifício da Família como que querendo fazê-lo aluir.

A infiltração no espírito de nosso povo de doutrinas que se afastam por completo dos princípios que tiveram por berço o Calvário, encontrou no seio da Família Brasileira ambiente propício, graças às graves crises que afligem a Humanidade desde a Grande Guerra de 14 e que se agravaram assustadoramente com a última hecatombe que a arrasou material, moral e espiritualmente. (...)

E a vós Exma. Sra., as nossas mães, as nossas esposas, as nossas filhas, irmãs e noivas confiam o destino religioso da Família Brasileira.

Confiam no vosso exemplo de esposa, de mãe, de brasileira e de cristã.

(EXPRESSIVA HOMENAGEM A D. CARMELA DUTRA, *Gazeta de Notícias*, 19.01.1946, p. 4).<sup>14</sup>

A pressa para “salvar a família”, responsabilidade atribuída a Santinha Dutra (*Gazeta de Notícias*, 19.01.1946) e a pressa em relacionar a educação a um sistema de segurança nacional, conforme descreveu o General Dutra ao ex-presidente Getúlio Vargas (Bomeny, 1999), ficaram evidenciadas nos primeiros meses de mandato. Em maio, uma ação rápida do Presidente, atribuída à influência de Dona Carmela Dutra, tomou os jornais na manhã do dia primeiro. O decreto-lei que proibia os jogos de azar em todo o território nacional havia sido publicado com uma série de justificativas morais para a sua prática:

Considerando que a repressão aos jogos de azar é um imperativo da consciência universal; Considerando que a legislação penal de todos os povos cultos contém preceitos tendentes a esse fim; Considerando que a tradição moral jurídica e religiosa do povo brasileiro e contrária à prática e à

---

durante a Primeira República<sup>13</sup>. No momento em que eclodiu o movimento de 1930, a *Gazeta* foi invadida e incendiada por populares, retornando às atividades em 1934, quando passou a apoiar Getúlio Vargas. De 1935 até o golpe de 10 de novembro de 1937, que instaurou o Estado Novo, a *Gazeta de Notícias* esteve inclinada a aceitar uma proposta política autoritária, traduzida em termos internacionais nos movimentos nazifascistas. O jornal apoiou o golpe de 10 de novembro e, em princípio, o Estado Novo e durante a Segunda Guerra Mundial, manifestou extrema simpatia pelos países do Eixo, defendendo a Alemanha e tecendo comentários elogiosos à figura de Mussolini, apresentado como o grande benfeitor do povo italiano. Em contrapartida, foram grandes as pressões que a *Gazeta* sofreu por parte de grupos ligados aos interesses norte-americanos. Essas pressões iniciaram-se com um boicote de publicidade, que levaria seu proprietário, Vladimir Bernardes, a vender o jornal. No final do Estado Novo, quando se iniciou a redemocratização do regime, a *Gazeta de Notícias* apoiou a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra, pelo Partido Social Democrático (PSD) para concorrer à presidência da República. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GAZETA%20DE%20NOT%3%8DCIAS.pdf> Acesso 6 maio 2015.

<sup>14</sup> Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 11 maio 2014.

exploração e jogos de azar; Considerando que, das exceções abertas à lei geral, decorreram abusos nocivos à moral e aos bons costumes (Brasil, 1946)<sup>15</sup>.

Mas ainda havia de se esperar mais de Dona Santinha Dutra. E ela não demorou muito para começar a responder às expectativas sobre sua influência no âmbito da Presidência. Em tempos de secularização do Estado, Dona Santinha viabilizou esforços para construir a Capela de Santa Terezinha ao lado do Palácio Guanabara com os recursos das sobras da campanha presidencial (Colbert, s/d).

No dia 3 de maio do mesmo ano, o matutino *Diário de Notícias* dava destaque a três manchetes que davam o tom do governo Dutra: “Vence na Comissão da Constituição a tese contra o divórcio”; “(...) congratulações com o Executivo pela extinção do jogo (...)” e “Baixa ao Tribunal Regional o pedido de Cassação do Registro do Partido Comunista” (*Diário de Notícias*, 3.05.1946, p. 3).<sup>16</sup>

Embora o fechamento do PCB seja outro evento atribuído à influência de Dona Carmela Dutra, essa iniciativa não partiu de um decreto presidencial, mas, de um processo iniciado no Tribunal Superior Eleitoral pelos deputados Barreto Pinto e Himalaia Virgulino, ambos do PTB. A acusação era a de que o Partido Comunista Brasileiro promovia a desordem nacional e de que estava a serviço de organizações internacionais. Contudo, o Partido Comunista Brasileiro só foi fechado a 7 de maio de 1947, em decisão final do Tribunal Superior Eleitoral, mesmo ano em que o *Tribuna Popular* também encerrou as suas edições.

Porém, a preocupação do casal Dutra com o desenvolvimento do comunismo no Brasil já era anterior ao mandato presidencial. Suas propostas aliavam a importância da educação à construção da Nação. Assim, na política de Segurança Nacional ao qual se referiu Dutra ao escrever para Vargas (Bomeny, 1999), parecia constar o comunismo com um obstáculo a ser vencido, além do analfabetismo e do laicismo, este último, presente na proposta dos Pioneiros da Educação Nova, desde o Manifesto de 1932 e causa de inúmeros embates entre os educadores “renovadores” e “católicos”, estes bastante articulados ao governo Vargas, especialmente após 1935. Nessa conjuntura, a *Gazeta de Notícias*, dando voz ao Governo, noticiou em 1946:

O comunismo brasileiro resume-se, pois, evidentemente, num caso de escola. E é por compreendê-lo dessa forma que o Sr. General Eurico Dutra está disposto a encarar de frente todas as dificuldades, que se relacionem com a questão do ensino público, nos seus vários graus e especializações, de modo que o Brasil, através da mentalidade de seus filhos, possa situar-se definitivamente, em breves anos, na vanguarda dos países, que mais alto desfraldam os pendões e estandartes da Civilização (*Gazeta de Notícias*, 17 de maio de 1946, p. 2)<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/>. Acesso 11 maio 2014.

<sup>16</sup> Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 11 maio 2014.

<sup>17</sup> Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 11 maio 2014.

## A política educacional do Governo Dutra

O novo *Plano Para o Desenvolvimento do Ensino Primário*, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos<sup>18</sup>, em linhas gerais, apontava a necessidade da construção de escolas por todo país, mas dava ênfase às zonas rurais, onde as representações de brasileiros como as de Jeca Tatu ou de Macunaíma, construídas pelos nossos escritores, eram mais facilmente encontradas. Dos recursos aportados na educação, 70% foram para a construção de novas escolas primárias, sem a preocupação de repetir os custos elevadíssimos da construção do Instituto de Educação do Distrito Federal. Aliás, na prática, segundo o Ministro da Educação, Ernesto de Sousa Campos, o mais importante era a quantidade de escolas a serem inauguradas, enquanto que as condições das mesmas não importavam tanto (Campos, 1946). Diante da questão de como o estudo seria desenvolvido nesses locais, ele próprio comentou:

E para mostrar a simplicidade que se revestirá o nosso prédio escolar citarei que será feito de tijolo, de adobe, de madeira e, se necessário for, até de pau a pique. Usaremos na cobertura, por exemplo, o material mais adequado pelo preço e pela facilidade de obtenção: telha, eternite ou palha e sapê. O essencial é fazer escolas para atender a população escolar do Brasil (Campos, 1946, p. 493).

Ainda para 1946 foram prometidas centenas de escolas nos meios rurais, obedecendo ao único critério da necessidade de cobrir o déficit de 2.200.000 crianças de 7 a 11 anos fora da escola (Campos, 1946), número bastante condizente com a prática dos ricos de educar os seus filhos e dos pobres do meio rural em não enxergar qualquer utilidade na escola (Gomes, 2002). Dos 28.302 prédios escolares existentes no país, apenas 4.927 eram prédios públicos e apenas 1.718 foram construídos para servirem originalmente como escolas (Campos, 1946).

Já em agosto de 1946, a Presidência tomou uma medida drástica no sentido de dirimir o problema da falta de professores:

Art. 1º - Fica a Prefeitura do Distrito Federal autorizada a admitir, em caráter de emergência, na qualidade de tarefeiros, para servir exclusivamente nas escolas primárias (...) os alunos do Instituto de Educação que estão cursando o último ano da Escola Normal<sup>19</sup>.

O acúmulo de estudo e trabalho dessas jovens não aconteceria sem efeitos prejudiciais. Segundo entrevistas realizadas por Lopes (2013), ex-alunas relataram que as jovens chegaram

<sup>18</sup> Atualmente chamado de INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

<sup>19</sup> Aos professores “tarefeiros” era também destinado o salário de CR\$ 1.150,00. PODERÃO SERVIR COMO PROFESSORES OS ALUNOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO. Diário de Notícias, 9.08.1946, p. 4. Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 12 maio 2014.



a adquirir doenças pulmonares de tanto trabalho no último ano de formação no Instituto de Educação.

A falta de professores podia ser sentida com maior evidência nas zonas rurais, sendo os professores e alunos do curso normal que estivessem no último ano de estudos, escalados para cobrir tais vagas. A sobra de vagas nessas áreas mostrou-se um efeito da falta de profissionais de ensino e da pouca capacidade do IE do Distrito Federal em atender a demanda de que necessitava a Capital do país. E foi então que um evento, iniciado ainda com Vargas no poder, mas que veio a se precipitar no âmbito da nova gestão de Dutra, pareceu exigir que o Distrito Federal (então sob a gestão do novo Prefeito indicado Hildebrando Góis) pusesse em prática as novas ideias de ampliação do sistema de ensino.

Ainda sob os auspícios do Estado Novo, um concurso para a formação da turma de novas professorandas de 1946 do IE terminou com 177 alunas aprovadas além da capacidade de vagas oferecidas pelo Instituto. Como o certame havia transcorrido em 1945, mas a inscrição das aprovadas ocorreria em 1946, ficou para o novo Secretário de Educação do Distrito Federal resolver o imbróglio criado pela falta de planejamento da gestão anterior, além de dar conta da evidente falta de profissionais de ensino. Isto é, embora houvesse interessadas, era evidente a falta de docentes no mercado de trabalho.

A *Gazeta de Notícias*, dirigida por Fioravanti Di Piero, ao publicar essa história no dia 10 de fevereiro<sup>20</sup>, apontou taxativamente o governo anterior como culpado pelo acontecido, relegando ao seu antecessor a pecha de irresponsável quanto ao ensino público. Curiosamente, os jornais destacavam dois dias depois sua posse como novo Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal. Di Piero alcançava assim o cargo máximo da pasta de Educação da Capital, tendo o projeto de expansão do ensino público como diretriz, num contexto em que a influência do Executivo era de Católicos e tendo o Instituto de Educação como a “menina os olhos” de sua pasta, local onde o *pioneiro* Francisco Venâncio Filho ocupava o cargo de Diretor.

### **Uma Escola Normal para o subúrbio**

Assim que tomou posse, o novo Secretário de Educação convocou uma coletiva de imprensa para 25 de fevereiro de 1946, com a intenção de informar sobre as propostas de reestruturação da Educação Pública, entre elas: a construção de uma nova Escola Normal na Zona Suburbana com a capacidade de atender a 2.000 novas professorandas.

---

<sup>20</sup> Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 26 maio 2014.



No mesmo dia, a *Gazeta de Notícias*, ainda sob sua direção, noticiava que ele (Secretário de Educação e Cultura) resolvia o caso das 177 concursadas aprovadas, determinando as suas inscrições no já sobrelotado Instituto de Educação.

Enquanto outros periódicos noticiavam as homenagens prestadas a Di Piero por conta da resolução do caso das novas alunas do IE, outra notícia aparecia, sem destaque, num dos cantos da página de publicação da *Gazeta*: “O Secretário Geral de Educação visitou o Ginásio Barão do Rio Branco” (*Gazeta de Notícias*, 27 de fevereiro de 1946, p. 4). Tal informação pareceu sem importância naquela ocasião, mas, como veremos, deixou rastros de quais eram os verdadeiros planos do novo Secretário.

A visita de Di Piero à escola do bairro suburbano de Madureira, apontada pelos jornais como “inesperada”, realizou-se no exato momento em que seriam iniciadas as provas para o concurso para admissão do colégio. Justificava-se a visita pela preocupação de que o certame transcorresse com o maior conforto possível para os candidatos.

No mês seguinte, Fioravanti anunciou a mudança de diretores do renomado Instituto de Educação do Distrito Federal e da pequena Escola Barão do Rio Branco, a qual visitara em fevereiro. O Pioneiro Francisco Venâncio Filho fora substituído por Mario Veiga Cabral no Instituto, enquanto o Ginásio de Madureira passou a ter como diretor o linguista e filólogo Cândido Jucá Filho<sup>21</sup>, catedrático de Língua Portuguesa do Instituto.

Surgira então o momento de anunciar o bairro que receberia a nova Escola Normal, a ser erigida aos moldes do Instituto.

A região de Madureira/ Campinho foi desde antes da colonização portuguesa uma rota de encontro de quem defendia ou planejava conquistar as terras produtivas da região, pois se encontra entre as maiores elevações da cidade. Estabeleceram-se por lá os primeiros pontos comerciais de escambo, que se cruzavam no que são atualmente os bairros de Madureira e Campinho.

Com o estabelecimento do *Mercado de Madureira*, o bairro tornou-se o mais populoso do Distrito Federal nos anos 1940. Vieram também as torres de energia elétrica e as linhas de bondes modernas. O impulso dessas modernizações no bairro suburbano ajudou a fomentar o crescimento comercial e populacional, atraindo também maior atenção de investimentos privados no setor educacional (Martins, 2009).

---

<sup>21</sup>*Gazeta de Notícias*, 16.03.1946, p. 3 e 22.03.1946, p. 7 respectivamente para a mudança de diretores. Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 17 maio 2014.

Assim, aproveitando-se ainda da proximidade com a linha de trens do subúrbio<sup>22</sup>, foi anunciado que o prédio da Escola Barão do Rio Branco, “inesperadamente” visitado pelo secretário Di Piero fora escolhido para sediar a nova Escola Normal<sup>23</sup>.

Com efeito, o bairro mais populoso do Distrito Federal, segundo o censo realizado em setembro de 1940 pelo IBGE<sup>24</sup>, tornou-se também a região suburbana com maior carência de serviços públicos, como escolas e professoras primárias, além de se tornar o maior bairro limítrofe com as zonas rurais, justamente onde o novo Ministro da Educação havia prometido instalar mais escolas.

Contudo, outro evento ajudou a precipitar a escolha do bairro. Em 1946 foi fundada a Associação de Ensino Primário do Rio de Janeiro, sediada também na Escola Barão do Rio Branco (o que, aliás, evidencia o prédio como o mais espaçoso e de melhor estrutura da região).

Foi então que, não coincidentemente, conforme acreditamos, a Associação de Ensino Primário do Rio de Janeiro, sediada na Escola visitada pelo Secretário de Educação, publicou uma carta com a assinatura de seus diretores e demais membros pedindo que a nova Escola de Madureira fosse batizada com o nome de Escola Normal Carmela Dutra, como podemos ver logo abaixo no Jornal do Brasil. Curiosamente, foi publicado primeiro o pedido da Associação de que o nome da nova escola deveria ser uma homenagem à Dona Carmela Dutra, depois, a notícia de que a Associação tinha sido criada e estava então sediada no prédio da Escola Barão do Rio Branco<sup>25</sup>.

Pedido feito, a decisão de aceite ou não, não foi publicada em jornais. Também não a encontramos em diários oficiais ou produções literárias pesquisadas. Entretanto, podemos destacar o que foi publicado dois meses depois no já conhecido Jornal *Gazeta de Notícias*, sob a direção do Secretário de Educação e Cultura e médico pessoal de Dona Carmela Dutra, o Senhor Fioravanti Di Piero, sob o título: “O que pensamos sobre...”:

Nenhum ato praticado pelo Executivo Municipal se revestiu de maior significação simbólica, do que esse em boa hora praticado pelo Sr. Hildebrando de Góis, dando o nome da ilustre dama D. Carmela Dutra, a um grupo escolar da Capital Federal.

Precisamente no instante em que as forças desagregadoras da nacionalidade desencadeiam terrível ofensiva contra nossos costumes tradicionais, com os quais o Brasil venceu todas as vicissitudes no passado e, agora, enfrenta a

<sup>22</sup> O prédio que sediou a Escola Normal existe ainda hoje, porém, sedia agora, de forma compartilhada, uma escola do Município do Rio de Janeiro, pela manhã e tarde, e uma escola noturna, do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>23</sup> Jornal do Brasil, 17.04.1946, p. 9. Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 17 maio 2014.

<sup>24</sup> Recenseamento Geral do Brasil – 1º setembro de 1940, página 51. IBGE. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso 16 jun. 2014.

<sup>25</sup> “Escola Normal Carmela Dutra – Um grupo de educadores de Madureira dirige-se ao secretário de educação, pedindo sua fundação naquele populoso bairro”. Logo Depois: “Fundada a Associação de Ensino Primário do Rio de Janeiro”. Jornal do Brasil, 17.04.1946, p. 9. Disponível em: [www.hemerotecadigital.bn.br](http://www.hemerotecadigital.bn.br). Acesso 17 maio 2014.

terrível crise na reconstitucionalização e reimplantação do regime democrático, em meio de profundas transformações políticas e administrativas, a posição de um nome que simboliza as virtudes da mulher brasileira, seu sentimento de solidariedade conjugal, seu heroísmo aureolado pela simplicidade e engrandecido pelo valor moral, que todos reconhecem na personalidade impressionante da ilustre esposa do Presidente da República, representa, com efeito, uma declaração vigorosa de fé e um inconfundível compromisso da honra, afirmando a decisão nacional de defender a sagrada instituição da família, no que esta tem de mais sublime e de mais caracteristicamente brasileiro, isto é, a esposa exemplar, companheira de todas as horas e de todas as vicissitudes e mãe extremosa e educadora inigualável, dotes de coração e de inteligência que agrinaldam a vida da virtuosíssima dama que Deus deu por companheira desse grande e autêntico brasileiro, expressão legítima da raça que escreveu as epopeias das “bandeiras” e estendeu as fronteiras pátrias até os confins do Orenoco, e que é o Presidente Eurico Gaspar Dutra (Gazeta de Notícias, 27.05.1946, p. 3).<sup>26</sup>

### Considerações finais

Como vimos, a exaltação das virtudes de Dona Santinha Dutra e dos valores tradicionais do país foram habilmente construídas pela imprensa, segundo deprendermos de nossas pesquisas. Queremos destacar é que, embora a ENCD tenha eclodido como uma Escola submetida ao IE, a construção de seu *ethos* a diferenciava do Instituto. Não se trata apenas de comparar uma Escola da Tijuca, onde estava a classe média carioca e uma Escola de Madureira, onde residia boa parcela da população mais empobrecida do Rio de Janeiro. Mas se trata de identificar as suas raízes, isto é, de como a escola se organizou.

Se por um lado temos um prédio construído para ser referência em uma localidade e exemplo de uma educação modernizadora, de outro temos um prédio que atende a uma política que visa expandir e atingir a todos de qualquer forma, conforme apontou o Ministro da Educação (Campos, 1946). E, se por um lado, o IE teve Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho como tríade patronal<sup>27</sup>, a ENCD, na prática, sustentou-se na época sobre os nomes católicos do Secretário de Educação, senhor Fioravanti Di Piero, do Presidente da República, o General Eurico Gaspar Dutra e da influente Primeira Dama Dona Carmela Dutra<sup>28</sup>.

O que queremos destacar aqui, em síntese, é que a influência de D. Santinha junto à Presidência da República foi determinante para que se instalasse uma escola normal vinculada à ideia de que a professora primária constitui a base da gerência das almas que constroem a sociedade. E a partir daí, influenciou o quanto pode para instituir uma escola normal sob *bases*

<sup>26</sup> Disponível em: [www.hemrotecadigital.bn.br](http://www.hemrotecadigital.bn.br). Acesso 17 maio 2014

<sup>27</sup> Referimo-nos como tríade patronal, considerando o Instituto de Educação como *locus* do pensamento dos Pioneiros da Educação Nova, onde essas três personalidades tiveram grande influencia. Ver a respeito LOPES (2006).

<sup>28</sup> A Escola Normal Carmela Dutra é desde 2004, por conta do **Decreto nº 36.820 de 29 de dezembro**, Instituto de Educação Carmela Dutra, tendo como patrona a Sra. Carmela Dutra.

*conceituais e pressupostos invisíveis* do grupo católico. Por outro lado, a escolha do nome de D. Carmela Dutra pareceu ter sido uma escolha que atendeu a uma solução de compromisso, uma vez que aspectos físicos republicanos, aspectos físicos da escola nova e aspectos conceituais dos setores tradicionais foram atendidos em uma mesma instituição. Assim, pelo Decreto-lei 8.546 de 22 de junho de 1946<sup>29</sup>, catorze anos após a criação do IE, surgia uma nova escola de formação docente no subúrbio carioca: a Escola Normal Carmela Dutra.

## Referências

BOMENY, H. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. IN: PANDOLFI, D. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, pp. 137 - 167.

BOURDIEU, P. Ilusão Biográfica. IN: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2006, p. 183 – 191.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 9.215, de 30 de abril de 1946**. Dispunha sobre a proibição de jogos de azar em todo o território nacional. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/> Acesso 11 maio 2014.

CAMPOS, E. S. Entrevista do ministro da educação e saúde sobre a situação do ensino primário. IN: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, n. 2 v. 7, pp. 492-495, mar/abr.1946.

COLBERT, M. Capela do Palácio Guanabara passará por recuperação. S/d. Disponível em: [http://www.intranet.rj.gov.br/exibe\\_pagina.asp?id=5210](http://www.intranet.rj.gov.br/exibe_pagina.asp?id=5210). Acesso 20 jul. 2014.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B.(org). **Fontes históricas**, 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 111-153.

DE LUCA, T. R. As revistas de cultura durante o Estado Novo: problemas e perspectivas. **Pesquisa**, Departamento de História UNESP/Assis. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/4o-encontro-2006-1>. Acesso 28 maio 2014.

FAUSTO, B. **Getúlio Vargas**: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Revolução de 1930**: história e historiografia. São Paulo: Civilização Brasileira, 1972.

<sup>29</sup> Disponível em: [www.jusbrasil.com.br](http://www.jusbrasil.com.br). Acesso 11 maio 2013.

GOMES, A. C. A escola republicana: entre luzes e sombras. IN: GOMES, A. C., PANDOLFI, D. e ALBERTI, V. (orgs). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, pp.385-452.

LEVI, G. Usos da Biografia. In: FERREIRA, M. de M. ; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002, pp. 167 – 182.

LOPES, S. C. **Lourival Fontes**: as duas faces do poder. Rio de Janeiro: Litteris, 1999.

\_\_\_\_\_. **Oficina de Mestres**: história, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939). Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2006.

\_\_\_\_\_. Políticas de formação de professores nos anos 1950: problematizando os “anos dourados” do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. **Cadernos de História da Educação**. v. 12, n. 1, p. 333-343, jan/jun.2013.

LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (coord). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 225-249.

LOURO, G. L. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORI, M.; BASSANEZI, C.(orgs.). **História das Mulheres no Brasil**. 6. ed, São Paulo: Editora Contexto, 1997, pp. 441 – 481.

MAINWARING, S. **Igreja católica e política no Brasil**: 1916-1985. São Paulo: Brasiliense, 1989..

MARTINS, R. L. **Mercadão de Madureira**: Caminhos do comércio. Rio de Janeiro: Condomínio do Entrepasto Mercado do Rio de Janeiro, 2009.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Portal da Secretaria Municipal de Saúde. Disponível: <http://www.sms.rio.rj.gov.br/> Acesso 15 maio 2014.

SCHMIDT, B. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, nº 19, p. 3-21, 1997.

SCHWARTZMAN, S; BOMENY, H.; COSTA, V. R. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.